

DAS BIBLIOTECAS MÉDICAS E SUA UTILIZAÇÃO

É já um lugar comum asseverar-se que as ciências médicas têm sofrido nas últimas décadas um progresso considerável. Clínicas e laboratórios, votados a um labor incessante de pesquisa da estrutura e funções do organismo humano e suas alterações, perseguem o fim último de conservar a saúde dos povos e evitar ou curar a doença.

Para dar conta da enorme soma de achegas que a ciência médica vai carriando, anos após anos saem dos prelos milhares de publicações que, aos olhos do investigador, do médico prático e até do público leigo, tornam patentes as mais recentes aquisições, nos mais diversos campos de pesquisa. E não apraz ao médico consciente afrouxar a sua ânsia de informação, certo de que, no permanente conhecimento do facto novo, vai saldando o seu compromisso perante a sociedade que serve.

Mas o saber ocupa lugar e a capacidade de apreender todo o conhecimento médico tem o seu limite. Daqui a necessidade, que bem depressa se impôs ao cultor da medicina, de confinar o saber a um campo restricto da ciência que cultiva. Destarte foram tomando vulto as mais variadas especializações com a sua literatura própria. Livros e revistas médicas contam-se hoje por milhares nas prateleiras dos editores e nos escaparates das livrarias.

A aquisição deste material impresso, quer pelo seu volume quer pelo seu custo, rapidamente se tornou demasiado oneroso para o médico geral ou especializado, que se viu assim compelido a recorrer com frequência aos repositórios de espécies bibliográficas que são as bibliotecas. Deste modo se assistiu ao crescer e multiplicar, no âmbito das Faculdades, Hospitais e outras instituições, de bibliotecas gerais ou especializadas para cobrir as necessidades de informação do seu corpo médico.

Impossibilitado de reunir em sua casa todo o material bibliográfico de que necessitava, foi o médico coagido a deslocar-se aos grandes depósitos de livros e revistas que assim viram as suas salas pejudicadas de leitores. Este movimento requereu a formação de bibliotecários especializados prontos a orientar os visitantes nas suas leituras. A procura da revista excedeu a do livro, o que se compreende se nos apercebermos de que o livro é a ciência já arquivada e a revista a ciência viva acabada de forjar nos laboratórios e clínicas.

Apesar de tudo, é escassa a percentagem de médicos que se dirigem com regularidade à cata de informação nas bibliotecas. Deslocar-se exige disposição, esforço e tempo para o fazer e nem todos possuem estes requisitos. Além do mais, para utilizar com proveito os benefícios duma boa biblioteca, há que saber servir-se dela. E a verdade nua e crua é que grande parte dos que lá entram quedam-se titubeantes sem atinar como abrir caminho naquela floresta de livros e revistas.

É certo que há ficheiros nas bibliotecas médicas, que há publicações *consabidas*, como o *Index Medicus* e a *Excerpta Medica*, destinadas a orientar a pesquisa bibliográfica e que há, ou deve haver, o olho esperto do bibliotecário pronto a intervir em caso de dúvida.

Mas, à parte o conhecimento sumário da técnica de manejo das bibliotecas que muitos adquirem por hábito ou intuição, falta geralmente ao médico novato uma verdadeira instrução sobre o uso das bibliotecas. Estou certo de que seria do maior proveito incluir no âmbito dos cursos de formação médica um ensino, ainda que reduzido, da arte de bem manusear uma biblioteca, da técnica de organização dos ficheiros privados

onde arquivar as referências bibliográficas que mais interessam e das regras de elaboração duma bibliografia a apensar a qualquer trabalho destinado a publicação. Não seria demais que aqui se ensinassem também os princípios básicos para redigir correctamente um trabalho científico, dado que boa parte dos originais chegados às mãos dos editores pecam por graves deficiências de redacção.

Neste particular, a Acta Médica Portuguesa tem procurado contribuir para a divulgação das *Normas para a apresentação de manuscritos a publicar em revistas bio-médicas* geradas no 2.º Encontro da Comissão Internacional de Orientação dos Editores de Revistas Médicas, que não me canso de recomendar como peça de leitura indispensável.

É evidente que um curso como o que sugerimos deveria ser ministrado por bibliotecários familiarizados com a literatura médica e seus meandros.

Para que semelhante curso resulte frutífero é, porém, indispensável que toda a orgânica das bibliotecas médicas portuguesas seja normalizada e que se publiquem com regularidade listas completas dos livros e revistas que nelas entram.

Sabemos de fonte certa que os nossos bibliotecários conscientes envidam todos os seus esforços para que se logrem estes objectivos, mas, até à data, pouco de concreto haverá a assinalar. Não será descabido sugerir que bibliotecários e médicos interessados se congreguem em encontros formais para que se alcance essa concretização e, do mesmo passo, se tente sensibilizar o médico para a perfeita utilização das bibliotecas.

Instituições há que permitem o empréstimo domiciliário de livros e revistas, arrostando com o perigo conseqüente de desvio das espécies bibliográficas. Apesar de tudo é prática a expandir, secundada pela facilitação de fotocópias dos artigos mais relevantes. No nosso meio já alguns bibliotecários pioneiros puseram em execução estas iniciativas com o aplauso dos seus leitores.

Porém, todo este acervo de benefícios no campo da informação não basta para abranger a totalidade da população médica que ainda conta com boa porção de desinformados. Há que fazer mais e melhor.

Está dito e redito que a biblioteca não pode ser apenas um depósito de livros. É um organismo vivo que, se não é procurado pelo leitor, deverá ir deliberadamente ao encontro dele. Quando Maomé não vai à montanha, a montanha irá a Maomé. Todo o médico deveria consciencializar-se no sentido de se inscrever como leitor na sua biblioteca preferida e receber dela regularmente os informes necessários quanto aos títulos bibliográficos de recente publicação.

Eu sei que medidas desta sorte requerem muita aplicação, muito pessoal e largos cabedais de que as bibliotecas não dispõem, mas haveria que fazer o esforço necessário para os conseguir.

Do perfeito entendimento entre médicos e bibliotecários resultaria, sem dúvida, um enorme benefício para a educação permanente que é orgulho e martírio de todo o praticante da medicina, com vivo reflexo na melhoria da saúde da comunidade.

J. Cândido de Oliveira